

## SENTIDOS E SIGNIFICADOS PRODUZIDOS POR ADOLESCENTES A RESPEITO DA SEXUALIDADE: UMA PESQUISA SÓCIO-HISTÓRICA

Alvaro Marcel Palomo Alves \*  
Fernanda Trombini Rahmen Cassim \*\*

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados de um projeto de pesquisa que ocorreu na forma de estágio obrigatório de prática de pesquisa na graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Tivemos como objetivo identificar quais processos sociais, cognitivos e afetivos interferem na escolha dos(as) parceiros(as) sexuais no universo adolescente a partir das possibilidades críticas da Psicologia Sócio-Histórica. Para tanto, analisamos a subjetividade pela ótica da Epistemologia Qualitativa, de González-Rey (1997), por meio da transcrição de diálogo em grupo focal com 18 alunos de uma escola particular da cidade de Maringá-PR, com idade entre 16 e 17 anos. A partir da análise do *corpus* coletado, concluímos que a relação dos(as) adolescentes com a sexualidade e afetividade no grupo focal em questão está fortemente vinculada a preceitos moralizantes e cerceadores da liberdade sexual. Por outro lado, a busca pela geração de novos sentidos e a necessidade de uma educação sexual libertadora saltou-nos aos olhos, fazendo-nos atentar para a complexidade da relação entre subjetividade e cultura.

**Palavras-chave:** Psicologia sócio-histórica. Adolescência. Sexualidade. Grupo focal.

### SIGNIFICATIONS AND MEANINGS PRODUCED BY TEENAGERS CONCERNING SEXUALITY: A SOCIO-HISTORICAL RESEARCH

**Abstract:** This article presents the results of a research project that occurred in the form of a mandatory internship of research practice in the Psychology graduation at the State University of Maringá. We aimed to identify which social, cognitive and affective processes interfere in the choice of sexual partners in the adolescent universe from the critical possibilities of Socio-Historical Psychology. For this purpose, we analyzed subjectivity from the perspective of Qualitative Epistemology, by González-Rey (1997), through a dialogue transcription in a focus group with 18 students from a private school in the city of Maringá-PR, aged between 16 and 17 years old. From the analysis of the collected corpus, we concluded that the relationship of adolescents with sexuality and affectivity in this focus group is strongly connected to moralizing precepts and restricting sexual freedom. On the other hand, the search for the generation of new significations and the need for a liberating sex education was emphasized to us, making us pay attention to the complexity of the relationship between subjectivity and culture.

**Keywords:** Socio-historical psychology. Adolescence. Sexuality. Focus group.

### A adolescência na perspectiva sócio-histórica

A adolescência, período de vivência escolhido para a realização desta pesquisa, é vista, na perspectiva sócio-histórica, como uma construção social (OZELLA, 2003; BOCK, 2001). O senso comum e algumas concepções científicas naturalistas e de caráter positivista consideram-na como uma etapa

‘natural’ do desenvolvimento, de caráter universal e abstrato, que carrega consigo conflitos ‘naturais’ e até patológicos. Essas visões naturalizantes muitas vezes se apropriam de forma inadequada de constructos acadêmicos, como o de “síndrome da adolescência normal”, dos psicanalistas Knobel e Aberastury (1990), que identificam dez sintomas presentes nos(as) adolescentes.

Porém, na perspectiva sócio-histórica, a adolescência é considerada, segundo Bock (2007), uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem e da mulher modernos, sendo uma etapa da vida significada, interpretada e construída pelos indivíduos em sociedade. Não é um fenômeno ‘natural’, mas sim social, “[...] construídas as significações sociais, os jovens têm então a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.” (BOCK, 2007, p. 68).

Na modernidade, a ciência e o senso comum tomam a adolescência como a fase das grandes transformações biopsicológicas e sociais responsáveis pelo último grande impulso do processo do desenvolvimento humano. É considerada a fase de passagem de um círculo social restrito e primário – a família – para um universo social muito mais amplo e secundário – o mundo todo (JUSTO, 2005).

Assim, de acordo com a cultura, são criados certos ‘rituais’, tanto para o feminino quanto para o masculino, marcando o ingresso na vida adolescente. Por todas essas mudanças, o(a) jovem se encontra imerso em contradições, em uma crise devido a mudanças significativas. De acordo com Vigotsky (1996), o desenvolvimento se caracteriza por formações qualitativas novas, que possuem um ritmo próprio e precisam de mediações especiais. Para o autor russo, a adolescência se constitui a partir de um processo dialético organizado em torno de uma unidade psíquica, biológica e cultural. Em sua obra *Paidologia del Adolescente*, Vigotski (1996) descreveu essa unidade a partir da relação entre quatro linhas de desenvolvimento: a) linha do desenvolvimento dos interesses, b) do pensamento e da formação de conceitos, c) das funções psíquicas superiores, d) da imaginação e criatividade. Essas formações novas constitutivas do período de desenvolvimento são resultado do movimento alternado entre períodos estáveis e períodos de crise. Elkonin (1987 *apud*

LEAL, 2010) demonstra que o desenvolvimento psíquico é um processo dialeticamente contraditório, que não se dá de forma evolutiva progressiva, mas por meio de interrupções de continuidade, pelo surgimento de novas formações. Para o(a) adolescente, a passagem para outro estágio de desenvolvimento está associada a uma inclusão nas formas de vida social acessíveis a ele(a), como o envolvimento em certos encargos ou atividades sociais que não são mais de caráter infantil (LEAL, 2010). Nesse período da vida, o indivíduo encontra-se em meio a uma convergência de comportamentos moralmente aceitos, imposições, regras, que vão de encontro a uma possível liberdade que está na vida adulta. Essas regras e imposições se delineiam de acordo com a cultura, época e sociedade.

Nesse sentido, a partir do século XX, a adolescência foi tida como uma fase problemática e conflituosa. Uma das divulgadoras dessa concepção foi a filha de Freud, Anna, que a considerava uma fase desequilibrada e instável, que os(as) adolescentes eram egoístas, transitavam entre cega submissão e rebelião insolente (BOCK, 2007). A partir dessa perspectiva, interpreta-se o(a) adolescente como aquele(a) que está intrinsecamente ligado(a) a conflitos com a dependência infantil, sendo considerado como 'normalmente patológico'.

Essas concepções advêm de questões sócio-históricas e são reafirmadas na sociedade como um todo, por pais e mães, por educadores(as) e pela mídia, pois "[...] um modelo de adolescente está sendo passado pelos meios de comunicação que permite ao adolescente a constituição de uma identidade própria, bem como contribui para um posicionamento dos pais na mesma direção." (OZELLA, 2002, p. 23). Nesse sentido, as telenovelas, telejornais e músicas, por exemplo, reproduzem esse estereótipo por meio de uma concepção 'adultocêntrica'. "Muitos adolescentes parecem incorporar essa representação, esse ponto de vista do adulto, agindo e atuando conforme essas expectativas." (DIAS, 2001 *apud* LEAL, 2010, p. 58). Ou seja, os(as) próprios(as) jovens atendem às expectativas dos adultos, coadunando seu modo de vida com o que se espera deles(as).

Segundo Salles (2005 *apud* LEAL, 2010), de forma gradual, a adolescência vai se consolidando como uma fase da vida, tornando-se um fenômeno universal, passando a ser discutida e caracterizada como um emaranhado de fatores de ordem individual, associada à maturidade biológica.

Devido a essas condições históricas e sociais, constituíram-se características próprias da adolescência que, muitas vezes, são tomadas como 'naturais', como a busca de si mesmo(a), tendência grupal, atitude rebelde, onipotência etc. A perspectiva sócio-histórica entende que todas essas características advêm do contexto social e histórico para a formação do que chamamos, hoje, de adolescência.

As marcas de desenvolvimento do corpo na adolescência contribuiriam, juntamente com as determinações sociais, culturais e históricas, a constituição do indivíduo sexual e, por isso, entende-se que essa fase da vida é marcada pela iniciação sexual. É importante destacar que, para a Psicologia sócio-histórica,

[...] a sexualidade é um processo simbólico e histórico que expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade (público *versus* privado); da significação das normas, da moral e da ética grupal (grupo o qual se insere). (KAHHALE, 2007, p. 179).

Nesse sentido, concepções estigmatizadoras são evitadas e compreende-se que o que define a sexualidade (inclusive as questões de gênero) está ligado ao momento histórico humano e das condições nas quais a pessoa está inserida.

Na contemporaneidade, as questões sexuais são moldadas pelo patriarcalismo, pela formação de família e por papéis femininos ou masculinos definidos desde o nascimento, assim como a restrição ou valorização do corpo em determinados contextos. A maturação sexual dada pelo período da adolescência (influenciada pelas condições ambientais, econômicas, sociais e históricas) tem diversos significados e, na sociedade capitalista, tem como fim não só a reprodução da espécie, mas também a busca pelo prazer individual (KAHHALE, 2007). Nesse sentido, Kahhale (2007) apresenta dois elementos que se inauguram: primeiramente, a questão do prazer, o qual nem sempre foi explícito devido à moral dominante; depois, a perspectiva de que o prazer traz consigo a visão individualista da sociedade moderna. Essa mesma sociedade, que outrora cercou o prazer e hoje prioriza o individualismo, busca a todo tempo restringir a vida privada dos sujeitos e, para isso, coloca a sexualidade como algo próprio da natureza ou do âmbito dos instintos humanos. Por isso,

impõe-se que esse mesmo indivíduo domine e controle seus instintos. Porém não se pode naturalizar esse processo: a sexualidade deve ser analisada a partir das construções simbólicas da cultura.

Quanto à adolescência, o contexto capitalista entende que esse é o melhor período para refletir a respeito da sexualidade.

No Brasil, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que jovens sejam sexuados. Mas essa sexualidade deve ser diferenciada por gêneros e se estabelecer como uma sexualidade heterossexual e não reprodutiva. (PAIVA, 1996 *apud* KAHHALE, 2007, p. 185).

Ou seja, ao sair da infância, já é esperado que aquele indivíduo entre na fase sexualmente ativa ou que tenha interesses sexuais. Da mesma forma, ele deve definir-se nos rótulos dos gêneros tradicionais (ser homossexual, bissexual ou heterossexual), considerando que a heterossexualidade seria a orientação normativa. Essa vida sexual que se inicia deve abster-se do objetivo reprodutor e é vista como uma fase de descoberta em que, ao mesmo tempo em que é um tabu, cobra-se responsabilidade desses(as) jovens quanto a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) ou à gravidez indesejada. Segundo Kahhale (2007), na década de 1990, a visão mais 'liberal' da sexualidade, a questão da gravidez e a emergência da AIDS fizeram com que o diálogo sobre o sexo fosse algo necessário na adolescência. Assim, o acesso a mais discussões sobre sexualidade foi dado a esses(as) jovens. A despeito disso, muitos tabus ainda precisam ser quebrados. Ainda é preciso desmistificar a adolescência como um período de 'instinto sexual desgovernado', independente das vivências do indivíduo.

Bock (1998) demonstra que é preciso lidar com a contradição básica entre as necessidades dos(as) jovens e as condições pessoais de satisfação e as possibilidades sociais de satisfação delas. Dessa maneira, não só se precisa falar sobre contracepção e proteção de DST, mas também sobre as diversas possibilidades de satisfação e identidade sexuais.

Foi somente a partir de meados dos anos 1980, por exemplo, que a demanda por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumentou devido à preocupação dos(as) educadores(as) com o grande crescimento da gravidez

indesejada entre os adolescentes e com o risco da contaminação por HIV (vírus da Aids) entre os jovens (BRASIL, 1997 *apud* DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007, p. 2). Essa necessidade de educação sexual nas escolas também se deu devido ao alto índice de abandono escolar, propensão à Aids e à mortalidade materna entre jovens de 15 a 19 anos.

A partir dessas necessidades, surgiram, nessa época, os primeiros programas de educação sexual. Eles eram biologizantes, tratavam apenas dos aparelhos reprodutores (o que demonstra a exigência da reprodução ligada à relação sexual), falavam da gravidez precoce e das DST's (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007).

Atualmente, segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1997) abordam a sexualidade na adolescência por 3 eixos: o corpo como matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção à DST (discutindo discriminação aos portadores do vírus HIV). Porém, de acordo com Altmann (2001 *apud* DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007), a orientação sexual nos PCN's é entendida como sendo de caráter informativo, e a sexualidade é entendida como um 'dato da natureza', algo inerente e 'necessário', falando-se, às vezes, em necessidade básica, contrastando com uma perspectiva histórico-cultural sobre a sexualidade. Além disso, como apontam Dinis e Asinelli-Luz (2007), minorias sexuais e de gênero também são temas ausentes nos PCN's (BRASIL, 1997).

Segundo Dinis e Asinelli-Luz (2007), temas como aborto, preconceito, orientação sexual, exploração sexual e violência sexual, por exemplo, raramente são trabalhados na escola. Isso quer dizer que ainda há muitos tabus e conservadorismo quando o assunto é a sexualidade do(a) adolescente, não só por parte da família, mas também da escola, a qual deveria ter papel fundamental nesse aspecto. Assim, aspectos de uma cultura repressora parecem ainda instar nos discursos religiosos ou familiares que se posicionam contra a perspectiva de uma educação sexual para o(a) adolescente. O próprio discurso sobre os conflitos 'naturais' da adolescência levam a crer que o planejamento é descartado da relação sexual adolescente. Infere-se que o(a) jovem inicia sua vida sexual por um impulso biológico incontrolável, fora de sua racionalidade, surgindo expressões como 'momento certo', 'pessoa certa', sem dúvida carregadas do romantismo e conservadorismo de outrora.

Nesse contexto, surgem discursos sobre a normatividade, os quais instauram valores a respeito do que é ser mãe, do que é ser mulher, da virilidade masculina etc., além da defesa de uma iniciação tardia da vida sexual.

A despeito disso, Foucault (1988) critica a hipótese repressiva sobre a sexualidade que agiria principalmente pela negação da sexualidade e de seu silenciamento. Para Foucault (1988), na modernidade, desenvolveram-se outras técnicas de controle sobre a sexualidade que não passam mais pelo seu silenciamento, mas justamente pela sua confissão, pela incitação ao discurso da sexualidade, pela sua visibilidade (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007). Dessa forma, não se trata de um movimento obstinado em distanciar o sexo para um lugar inacessível, mas, pelo contrário, de

[...] processos que o disseminam na superfície das coisas e dos corpos, que o excitam, manifestam-no, fazem-no falar, implantam-no no real e lhe ordenam dizer a verdade: todo um cintilar visível do sexual refletido na multiplicidade dos discursos, na obstinação dos poderes e na conjugação do saber com o prazer. (FOUCAULT, 1988, p. 70-71).

Esse foco sobre a sexualidade moderna também atinge o universo adolescente. Vidal e Ribeiro (2008) realizaram uma pesquisa com adolescentes de 14 a 19 anos, estudantes de uma escola pública de ensino médio de uma cidade do interior paulista, cujo objetivo era verificar, por meio de redações, como pensam e se comportam os jovens frente a questões e atitudes que envolvem sexo e sexualidade.

Segundo a pesquisa, a ideia de que, hoje, os jovens “[...] transam com qualquer um, só pelo prazer; sem amor, sem compromisso, só por diversão.” (VIDAL; RIBEIRO, 2008, p. 542), teve uma ocorrência de, em média, 66% das redações. Em contrapartida, a ideia de que “[...] sexo deve ser feito na hora certa, com a pessoa certa (com amor) e com prevenção.” (VIDAL; RIBEIRO, 2008, p. 526), teve uma ocorrência de, em média, 25% das redações. Além disso, alguns alunos associaram o sexo pelo prazer à gravidez, ignorando o fator prevenção; outros associaram o sexo à responsabilidade. Segundo os autores, essa dualidade pode indicar uma ambivalência de valores em relação a esta questão do sexo pelo prazer, ou seja, o jovem não sabe se apoia ou não

o sexo pelo prazer com proteção ou se encara isto como “imoral” e assim somente o sexo por amor seria correto (VIDAL; RIBEIRO, 2008).

Vidal e Ribeiro (2008) também observaram a recorrência, nas redações, dos termos ‘pessoa certa’, ‘hora certa’ e ‘prevenção’. Segundo os(as) alunos(as), essas seriam as condições ideais para se ter relações sexuais e essas condições estariam relacionadas a estar preparado(a) física e psicologicamente, estar com a pessoa que ama, ter um relacionamento de afeto recíproco e estar prevenido(a). De acordo com os autores, percebe-se que há muitas críticas nas redações com relação ao sexo, como se pensar muito na prática sexual ou fazer sexo pelo prazer fosse prejudicial, problemático, trazendo problemas.

De qualquer forma, ao fazerem as críticas aos jovens de maneira geral, estes alunos mostram que acham que o pré-requisito para se ter relacionamentos sexuais seria a escolha do parceiro sexual, de modo que haja reciprocamente o que eles chamam de ‘amor’. (VIDAL; RIBEIRO, 2008, p. 526).

Ademais, os autores observaram, pelas redações, que o sexo pelo prazer, sem relacionamento amoroso, é pouco aceito entre os(as) jovens, especialmente entre as meninas. Isso demonstra que ainda existem tabus, que a prática sexual só é considerada ‘normal’ com algumas condições. Viu-se, por exemplo, que apenas 2,9% consideraram que o sexo pode ser feito com ou sem amor (somente por prazer).

A pesquisa de Vidal e Ribeiro (2008) demonstra que, embora a sexualidade esteja bastante incitada, visível, embora haja um discurso da sexualidade, como afirma Foucault (1988), o sexo ainda carrega valores conservadores, especialmente para os(as) jovens. “O tom de crítica é o que predomina nas redações, isto é, falam como se pensar muito em fazer sexo fosse ruim, prejudicial, pois acaba trazendo problemas, assim como o sexo pelo prazer.” (VIDAL; RIBEIRO, 2008, p. 527).

Esse tipo de concepção conservadora sobre a sexualidade atinge especialmente as mulheres, tendo em vista o papel passivo construído pelo patriarcado ao longo do século XIX. Para Bordieu (1999), a relação sexual

[...] está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este

princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BORDIEU, 1999, p. 31).

A partir de Bordieu (1999), vemos que o sistema patriarcal, o núcleo familiar tradicional, as práticas religiosas colocam a mulher como subordinada ao homem tanto no meio social quanto na relação afetiva e sexual. Isso se estende desde a criação dos núcleos familiares até os dias atuais e se expressa nas mais diferentes práticas cotidianas.

As conclusões trazidas por Vidal e Ribeiro (2008) integram a forma como os(as) próprios(as) jovens de hoje veem a sexualidade adolescente: altamente ligada a valores tradicionais, preconceitos, ideias e atitudes padronizadas, confusas, contraditórias e incoerentes. Enquanto alguns(mas) mostraram abertura e criticidade, irreverência e contestação, outros(as) apresentaram ideologia machista, dificuldade (especialmente das meninas) em dissociar o sexo do amor e até grande importância à virgindade feminina, mesmo não defendendo a ideia de preservá-la até o casamento. Quanto à virgindade masculina, há a obrigação de ‘perdê-la’.

O estudo de Mariano (2001), citada por Justo (2005), traz considerações importantes a esse respeito. Mariano (2001) realizou uma pesquisa na cidade de Assis, em São Paulo, envolvendo 264 adolescentes na faixa etária de 13 a 16 anos. Por meio do estudo, constatou-se que o ‘ficar’, seguido bem de perto pelo ‘namorar’, foram, de longe, os mais citados como relacionamentos amorosos conhecidos pelos sujeitos. Embora o ‘ficar’ tenha o sentido genérico de ‘permanência’, ele designa um relacionamento episódico, em que predomina a brevidade do contato, a descartabilidade etc., ou seja, o ‘ficar’ é um modo de explorar e experimentar sentimentos. Porém, essa experimentação, de acordo com o estudo, seria uma iniciação para a tomada de decisões mais realistas, como o ‘namoro’, citado pelos(as) adolescentes envolvidos(as) no estudo como a forma de relacionamento preferida (JUSTO, 2005).

Novamente, vemos que o(a) adolescente se vê impelido(a) a instituir o modo típico de relacionamento deste tempo (as relações abreviadas,

imediatas, sem compromisso), mas busca formas mais tradicionais de se relacionar, como o namoro. Prova disso é que as expressões 'namoro firme', 'namoro sério' prevalecem até hoje e são bastante valorizadas.

Quanto à sexualidade feminina, os estudos de Vidal e Ribeiro (2008) e Justo (2005) também concordam em muitos aspectos. Hoje, as meninas têm bastante cautela com o 'ficar', pois há tom de recriminação em relação àquelas que 'ficam' com bastante frequência, principalmente se esse 'ficar' incluir relações sexuais. "Por um lado, há uma busca de liberdade, prazer, felicidade e, por outro, dilemas, freios e contradições insuperáveis." (JUSTO, 2005, p. 74).

A partir desses dilemas, torna-se urgente discutir a sexualidade do(a) adolescente e seus relacionamentos afetivos, eliminando dúvidas e quebrando tabus que possam vir a cercear uma vida sexual livre de tabus, preconceitos e normas moralizantes. Kahhale (2007) demonstra que é preciso fazer com que os(as) jovens compreendam o processo social no qual a sexualidade toma forma e constrói suas significações sociais e sentidos pessoais. Segundo a autora, debater sexualidade é discutir valores, normas sociais e cultura; é buscar compreender as versões individuais que temos de um tema que é social.

### **A subjetividade abordada pela epistemologia qualitativa**

González Rey (1997) propõe uma configuração teórica e metodológica para a Psicologia, fundamentada na epistemologia qualitativa e na questão do sujeito, da personalidade e da subjetividade. Para ele, a subjetividade é a constituição da psique no sujeito individual em consonância com momentos de ação social (inseparáveis do sentido subjetivo que esses momentos darão ao sujeito). Está organizada por processos que estão em constante desenvolvimento na vida do sujeito que está inserido na sociedade e que tem de seguir desafios de se manter nos diversos sistemas que não se organizam de acordo com sua subjetividade individual. Para tanto, ele precisa encontrar formas de ação que sejam compatíveis com a realidade social.

Para González Rey (1997) a noção de sentido pessoal distingue-se da dimensão coletiva e social do significado, "[...] o sentido é uma verdadeira

produção subjetiva, uma vez que não se define pela ação direta de um evento social.” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 45).

A partir da ideia de que o corpo do sujeito, sua atividade, sua consciência, sua vivência e sua experiência são atravessados e realizados pelos processos de produção da significação, buscaremos os sentidos produzidos por jovens para suas escolhas sexuais e afetivas e como essa produção de sentidos atua em suas subjetividades.

Escolhemos o trabalho em grupo focal para desenvolver esta pesquisa porque partimos do princípio de que no universo de discussões centralizado na concepção da constituição semiótica do sujeito, este se constitui pelo outro(a) e pela linguagem por meio dos processos de significação e dos processos dialógicos, rompendo com a dicotomia entre sujeito e social, entre o eu e o(a) outro(a) (MOLON, 2011).

Todo esse processo de representação semiótica, de reconhecimento de mundo pelo sentido e significado faz parte da formação de conceitos, que é justamente o núcleo fundamental que aglutina todas as mudanças que se produzem no pensamento do(a) adolescente (VIGOTSKY, 1996 *apud* LEAL, 2010). Essa nova formação abre ao(à) adolescente o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social. As significações ocupam um lugar específico nas relações do indivíduo com o mundo e representam a maneira pela qual a experiência humana generalizada é assimilada pelas pessoas; adquirem um sentido subjetivo, um caráter individual.

Neste trabalho, buscamos, assim, encontrar o sistema de significações, de ideias e de opiniões presente na subjetividade dos(as) adolescentes, a partir da análise dos conceitos expressos pelas palavras, pela ação comunicativa no contexto grupal. Partimos, então, do pressuposto de Vigotsky (1996) de que o pensamento realiza-se na palavra e, ao transformar-se em linguagem, reestrutura-se e modifica-se. Ele nasce do campo da nossa consciência que o motiva, “[...] que abrange os nossos pendores e necessidades, os nossos interesses e motivações, os nossos afetos e emoções.” (VIGOTSKY, 1996, p. 479).

Esta pesquisa é de cunho exploratório, uma vez que buscamos estabelecer mais familiaridade e, posteriormente, compreensão do fenômeno investigado. A coleta de dados foi realizada por meio de um grupo focal, o qual

consiste, segundo Gomes e Barbosa (1999), em um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade.

Este artigo apresenta os resultados de um projeto de pesquisa que ocorreu na forma de estágio obrigatório de prática de pesquisa na graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Para desenvolver o estágio, entramos em contato com a coordenação de uma escola particular de Maringá-PR. A escola é bastante tradicional na cidade e frequentada por alunos(as) de classe média e alta. Anexamos ao mural da escola um convite direcionado aos(às) alunos(as) do terceiro ano do Ensino Médio, convidando-os(as) a participar voluntariamente da pesquisa. Em dia e horário combinados, 18 jovens entre 16 e 17 anos, sendo 4 meninos e 14 meninas, realizaram na referida escola o grupo focal.

### **Atividade em grupo focal e as representações da sexualidade adolescente**

Para realizar este trabalho, contamos com a participação de 18 (dezoito) alunos(as) de um colégio particular da cidade de Maringá-PR. Os(As) alunos(as) tinham entre 16 e 17 anos e participaram voluntariamente das discussões, sendo informados(as) da pesquisa por meio de cartazes que foram afixados no mural da escola com a autorização da direção pedagógica. Suas identidades foram preservadas e são identificados por nomes fictícios.

No dia e hora marcados previamente, o grupo focal se encontrou em uma sala de aula na própria escola, no horário de contraturno. A pesquisadora esperava menos alunos(as) colaboradores(as), mas compareceram 18 alunos(as) que foram dispostos(as) regularmente em uma sala pequena. Foram utilizados aparelhos de filmagem e gravador. Todos(as) os(as) participantes e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes da participação, tendo o projeto sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá. A assinatura por parte de adolescentes acima de 16 anos tem sido debatida por pesquisadores da área ética e educacional (JAGER et al, 2013; GUARIGLIA; BENTO; HARDY, 2006). Tais pesquisas apontam para a necessidade de se

discutir a autonomia desses jovens e sua capacidade de conhecer os riscos de uma pesquisa, optando livremente por participar da mesma.

Como texto motivador usamos o vídeo “Tinder e os relacionamentos modernos”, do canal do Youtube “MitoVLOG”, o qual trata brevemente das novas formas de se relacionar, especialmente pelo aplicativo Tinder, que consiste em um instrumento de encontros online entre casais a partir de suas preferências. A partir disso, a discussão foi fomentada com a participação de todos(as). Após a realização da discussão, que foi filmada e gravada, foi feita a transcrição das falas dos participantes e, então, analisaram-se as perspectivas apresentadas sobre o tema em questão. Com a técnica de construção da informação baseada na Epistemologia Qualitativa (GONZALEZ REY, 1997) dos(as) falantes, levantaram-se os indicadores de significação para a construção dos núcleos de sentido. A metodologia da pesquisa consistiu em na decomposição dos objetos selecionados e análise dos núcleos de significados; aglutinação dos núcleos de significado; e definição do número de indicadores, a partir dos núcleos escolhidos. Interessa-nos, aqui, ir além dos significados, analisando os sentidos produzidos pelo *corpus* de pesquisa.

Trabalhar com os(as) alunos(as) que vivenciam a adolescência e as relações afetivas intensamente como participantes da construção do conhecimento favoreceu a aproximação compreensiva ao fenômeno estudado. Para analisar os sentidos produzidos pelo discurso desses(as) alunos(as), é necessário levar em consideração o contexto vivido por eles(as), uma vez que suas subjetividades são atravessadas pelas suas atividades sociais. Ou seja, ontologicamente, o sujeito é único, mas a forma com que ele criará sentidos para sua vivência é determinada por suas mediações, suas condições individuais de existência material.

Os(as) alunos(as) que participaram da pesquisa compõem uma fração da classe trabalhadora com rendimentos em torno de dez salários mínimos, meio em que o patriarcado regula as relações afetivas e em que a família é a instituição de maior referência social. Assim, os(as) alunos(as) têm seus preceitos determinados por toda uma estrutura de classe, religião, gênero e etnia. Tal contexto nos leva à apreciação do *corpus* de pesquisa de maneira que os núcleos de significação nunca sejam naturalizados, mas entendidos como resultado de motivos que são socialmente colocados a esses(as) jovens.

Nesse sentido, cabe-nos ressaltar que, das inúmeras leituras das falas e expressões dos(as) participantes, destacaram-se pré-indicadores constituídos de temas e caracterizados pela frequência, repetição ou reiteração, bem como pela ênfase, carga emocional comunicada, ambivalências ou contradições. A partir dos pré-indicadores e indicadores, formaram-se quatro núcleos de significação que não são excludentes, mas, pelo contrário, complementa-se ou se contradizem.

Dois núcleos nos saltam aos olhos inicialmente: a) a família como norteadora das relações e b) a religião como forma de controle. Os(As) participantes alegaram, inúmeras vezes, a influência da família em suas relações pessoais. Segundo eles(as), a família cerceia sua liberdade em diversos aspectos. Primeiramente, na escolha do(a) parceiro(a), uma vez que eles(as) levam em consideração o que os(as) pais e mães achariam de um novo namorado ou namorada, se teriam permissão para um novo relacionamento: *“É tipo... é só os pais... eles analisam tudo tipo ele... querem controlar tudo... mandar no que você faz ou deixa de fazer...”*, o que significa uma interferência intensa na liberdade de escolha dos(as) jovens. Tal autoridade patriarcal é marcada pela falta de diálogo e pelos assuntos que são tabus na instituição familiar, como a homossexualidade, observada na fala de um participante: *“Eu não consigo conversar com meu pai sobre homossexualismo porque ele vem de uma família tradicional.”*. Nesse sentido, parece que não só o machismo, mas também a homofobia é transgeracional. O jovem se sente impotente e incapaz de externar sua subjetividade para a família, como disse um deles, ele tem de *“Ouvir calado e engolir”*. Além disso, o sufixo – *ismo* empregado pelo jovem para se referir à homossexualidade demonstra ainda pouca proximidade com o assunto, já que tal sufixo refere-se a ‘doença’.

Sobre a homossexualidade, duas alunas, que eram namoradas, apresentaram seus anseios sobre uma sociedade homofóbica, inclusive quando se trata de redes sociais. Uma delas diz: *“por exemplo você perguntou onde se encontra... o meu relacionamento não está dentro dos padrões... e às vezes a gente tem que deixar de postar alguma coisa no Facebook porque a gente não sabe quem tá olhando... a gente procura sempre se preservar sabe... porque bem ou mal a gente vive numa sociedade que reprime...”*. Nesse

Ínterim, essas alunas (e outras que se declaravam bissexuais) mostraram sua opinião sobre as diferenças da iniciação sexual heterossexual e homossexual: “[Pesquisadora]: *quais são as diferenças do universo hetero pro homo nisso da iniciação sexual? Já que você tá falando disso... [Uma aluna responde]: é mais fácil porque não tem a questão de preservativo essas coisas assim... [Outra aluna concorda e completa]: não tem aquele medo de engravidar... não tem aquela eh... aquela pressão de todo mundo... é eu achei mais tranquilo assim...”.*

Voltando ao conservadorismo familiar, vimos também que ele se estende à imposição da família sobre a virgindade, reafirmando uma concepção religiosa conservadora. Eles(as) deixam evidente que essa imposição sobre a virgindade é distinta para meninos e para meninas. Enquanto para eles a virgindade pode ser motivo de vergonha; para elas a virgindade deve ser preservada. Destarte, o machismo geracional se torna bastante evidente nos discursos, como afirma um participante: “*meu pai falava assim ... eh... ah... você já tá namorando faz quatro meses e:: .. e não transou ainda?*”. Destaca-se, ademais, a educação passiva da mulher voltada à satisfação do macho, em que interessa agradar ao outro. Uma das participantes afirma sobre um antigo relacionamento: “*e eu acho que quando a gente se relaciona com alguém a gente é muito emotivo... então assim... eu tive a cabeça fraca porque eu não tinha ninguém pra conversar... e também porque tinha também uma pressão do outro porque ele dizia que se eu não quisesse tinham outras que queriam*”. Nesse sentido, vemos a falta de diálogo dentro das próprias famílias que são marcadas pelo conservadorismo. Os(As) alunos(as) têm consciência de que a educação sexual (ou a falta dela) interfere diretamente nos seus relacionamentos pessoais, na auto percepção e na autoestima.

A religiosidade reitera os sentidos produzidos com relação à família e, inclusive, tais núcleos de significação se complementam de tal forma que há a impressão de que se trata do mesmo núcleo de significação. Entendemos, nesse ínterim, que a família é extensora da moralidade religiosa. Os indicadores relacionados à religiosidade referem-se, primeiramente, à escolha do(a) parceiro(a). Os(As) alunos(as) destacaram que o ambiente religioso pode apresentar um(a) parceiro(a) confiável, de ‘boa índole’, e isso inclui, também, a

questão da virgindade: *“querem mas os pais... meio que... forçam a fazer só depois do casamento... e... questão de religião”*. Tal contexto se apresenta como a origem do medo e da vergonha, especialmente no que se refere à primeira vez: *“eu acho que a pessoa vai sentir vergonha porque... é outro ser humano... você tá descobrindo algo que você nunca fez...”*. A vergonha e o sentimento de culpa e medo aparecem sempre relacionados. Advindos da ideia de pecado, dada pela religiosidade cristã, atravessam a subjetividade dos(as) jovens, expressando-se nas vivências relacionadas ao sexo. Em consonância, a religião também se coloca como censuradora do diálogo sobre a sexualidade: *“eu vim de uma família muito extremamente religiosa... e eu fui entrar em contato com esse mundo muito mais tarde...”*. Constatamos que o diálogo proposto pela igreja, conforme os discursos, é unilateral, dá-se somente pela perspectiva conservadora e, muitas vezes, é origem e perpetuação de preconceito. Um dos jovens afirma sobre o colega: *“é... que nem o Pedro... o seu/sua família que é... bem religiosa... se você chegar e falar isso [sobre ser homossexual]... vão... é... [Outra aluna completa]: te expulsar de casa ”*. Vemos, portanto, a religião, juntamente com a instituição familiar, constituírem um indicador moral de regulação dos motivos relacionados à afetividade adolescente (LANE, 1995).

A vivência da sexualidade também se mostrou mediada por outro núcleo de significação, o da influência da cultura de massa. Foi nesse núcleo que encontramos mais contradições e a maior expressão da influência da tecnologia nas relações íntimas pessoais. Os(As) alunos(as), por suas possibilidades materiais e de consumo, têm amplo e constante acesso à internet, a qual é apresentada como meio de acesso a relacionamentos. Parece-nos que ela é fonte de segurança para a aproximação inicial com o(a) outro(a), uma vez que permite ‘mais informações’ sobre o(a) outro(a) e serve como atenuadora da ‘vergonha’ já citada anteriormente. Em determinados momentos, alguns(mas) mencionam a futilidade dos relacionamentos virtuais, enquanto outros(as) contradisseram tal assertiva, afirmando que têm relacionamentos virtuais ‘sólidos’. Vemos, nesse sentido, a relação entre a cultura e as relações face a face: a internet coloca-se como um facilitador das relações, sejam elas sólidas ou não, em que se evita a possível vergonha ou medo das relações pessoais. Os(As) alunos(as) destacaram também a mídia

como modeladora de expectativas, tanto referente à primeira vez, quanto referente ao ideal de beleza. Assim, os filmes e redes sociais formam um conceito que interferem em suas subjetividades, padrão este que vai desde o padrão de beleza até a orientação sexual. Tais pontuações podem ser observadas nas falas: *“Eu tenho que ser perfeita para a pessoa e a pessoa ser perfeita para mim, aquelas coisas de filme”*; *“a mulher gordinha colocou uma foto no Facebook [...] e chega gente falando assim: tem que ter decência!”*; *“O meu relacionamento não está dentro dos padrões e a gente deixa de postar coisas no Facebook,”*.

Dessa forma, devido à exposição possibilitada pelas redes sociais, elas também se tornam fonte de julgamento de si e do outro, contribuindo com a reprodução de preconceitos cotidianos: *“igual no Facebook quando posta aquelas fotos de um cara muito gordo velho com uma menina muito magra e muito bonita você fala: nossa certeza que esse cara é rico... ó interesseira do caramba... certeza... você sempre fala... toda postagem do Facebook tem isso...”*. Novamente, observamos fontes de preconceitos perpetuadores do machismo e homofobia, que, conforme já vimos, são também resultados de uma educação repressora, um núcleo familiar patriarcal conservador e religioso.

Por fim, encontramos o último núcleo de significação, o das relações interpessoais. Dentro dele, observamos indicadores bastante expressivos com relação à moralidade. Em muitos momentos, os(as) alunos(as) alegaram que a moralidade se sobrepõe à atração física ou estética na escolha do(a) parceiro. Para eles, um(a) parceiro(a) moralmente aprovável (seja por eles(as) ou pela família) é mais ‘atraente’ que alguém apenas fisicamente interessante. Tem-se, então, a representação de uma hierarquia de valores e significados permitidos e não permitidos, a ideologia do amor romântico, tipicamente burguês ou espiritual, para o qual basta ter amor para ‘valer a pena’. A contradição se dá quando eles(as) alegam que a atração física é importante para ‘conhecer na balada’. Ou seja, há uma ilusão de que os preceitos da moral estão sendo seguidos para a escolha do(a) parceiro(a), mas destaca-se a atração física como elemento primeiro de intimidade. Contrapõe-se à ideologia do amor romântico a adoção de papéis sociais específicos: ser aquilo que o outro quer que você seja: *“eu acho que... às vezes o/a/a gente tá conhecendo a pessoa*

*mas... você quer mostrar pra pessoa uma coisa que você não é... muitas vezes acontece isso”,* o que representa um conflito com o que se afirmou sobre a moralidade nas relações afetivas.

Tais papéis sociais e conflitos podem estar relacionados também a uma necessidade de aceitação social e pertencimento: “[Pesquisadora pergunta]: e os *amigos?*... [Iana responde]: *te forçam tipo te forçam a fazer [sexo]...* [Uma participante completa]: *aí você fica naquela pressão né... daí você tem que ir lá e fazer...* [outra participante retoma]: *fica tipo... ó tem que fazer isso logo velho... você não fez isso ainda?*”. Assim, tem-se mais um motivo gerador para a escolha do(a) parceiro(a), ligado à sociabilidade e heteroaceitação. Ao mesmo tempo em que os(as) alunos(as) destacam a moralidade como motivo para as escolhas afetivas, todos(as) concordam, em uníssono, que a ‘qualidade’ do sexo é um critério para a escolha do(a) parceiro: “[Pesquisadora pergunta]: *então... você acha que tipo... o sexo seria... uma coisa que influencia na escolha do parceiro...* [Todos(as) concordam]: *sim... com certeza*”. Tal contradição revela a vivência difusa da sexualidade, interpelada por fatores conservadores que são costurados por momentos de consciência que se dão a partir das contradições: *“eu acho que é uma questão social de tipo... todas as pessoas tratarem o sexo como algo natural que acontece entendeu?”*.

Assim como em outros núcleos de significação, o machismo transparece nas relações interpessoais, e gera momentos de contradição e confronto entre os(as) próprios(as) participantes: “[Pesquisadora pergunta]: e de onde que vem essa pressão pra vocês, meninos? Tios... vocês falaram... família ... amigos... [Um participante responde]: *tipo aquele amigo que você tem mais proximidade sabe... tipo aquele mais chegado...* [Uma participante interrompe]: *então vocês mesmos...*”. As contradições foram promovendo momentos de consciência entre os(as) alunos(as) conforme a sessão ia se desenrolando e iam aparecendo os sentidos dados às relações afetivas.

Novamente, o papel da educação sexual é reiterado, pois os(as) alunos(as) destacam que, se não têm diálogo familiar sobre o assunto, têm o apoio nas suas relações de amizade e nos(as) próprios(as) parceiros(as) sexuais: *“acho que o contato com outras pessoas mesmo... só você... conversando... vai... descobrindo... falar mais sobre experiências... daí foi assim... que eu comecei a... ter mais informações sobre...”*.

Por fim, os(as) alunos(as) aliaram o conservadorismo familiar e religioso ao contexto social em que vivem. Alegaram que aqueles(as) que ‘viverem em cidade pequena’ sofrem mais coerção e preconceito e enfrentam mais tabus: *“esse negócio de cidade pequena também... da cidade que eu venho todo mundo conhece minha família... ela é tradicional pra caramba... se um dia eu chegasse pro meu pai e falasse que eu era gay.... nossa não me imagino falando isso... porque tipo é muita pressão por parte de mãe... de pai... tipo... de todo mundo...”*. Percebemos, nesse sentido, a influência direta do meio em que vivem, as relações com vizinhos(as), amigos(as) e, novamente, com a família.

### **Síntese interpretativa**

Conforme nos mostraram os dados, a identidade dos(as) jovens e suas subjetividades são formadas socialmente, atravessadas pelos círculos sociais (família, amigos(as)), por regras de instituições específicas (como a religião) e pela cultura (cultura de massa, tecnologia e novas possibilidades de comunicação). Tais constatações corroboram o que afirma Bock (2007) sobre a construção da identidade do(a) jovem, “[...] construídas as significações sociais, os jovens têm então a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.” (BOCK, 2007, p. 68).

Assim, as significações sociais produzidas por eles(as) são o cerne de suas identidades, que estão em constante construção e transformação. Assim como nos mostra Justo (2005), a adolescência se mostrou a fase de passagem de um círculo social restrito e primário – a família – para um universo social muito mais amplo e secundário – o mundo todo. Vimos, por exemplo, as contradições que se dão entre o que a família quer para a vida desses(as) jovens e seus reais desejos. Embora eles(as) tenham suas escolhas direcionadas pelo conservadorismo familiar e religioso, buscam uma liberdade de escolha que está fora desse círculo restrito e que se encontra em novas relações afetivas e emocionais.

Sobre tais contradições, Elkonin (1987 *apud* LEAL, 2010) demonstra que o desenvolvimento psíquico é um processo dialeticamente contraditório, que não se dá de forma evolutiva progressiva, mas por meio de interrupções de

continuidade, pelo surgimento de novas formações. Essas formações, marcadas por evoluções e involuções qualitativas, estão totalmente imbricadas com os novos sentidos dados à afetividade adolescente. Pudemos perceber, no *corpus*, que os(as) alunos(as) mantinham os valores familiares, ao mesmo tempo em que buscavam novas formas de prazer. Ao tratamos da homossexualidade, por exemplo, deixaram evidente que não deixariam de assumir a sexualidade, porém a aprovação da família era muito importante nesse processo. Outro exemplo dessa contradição se dá quando, em alguns momentos, manifesta-se a ideologia do amor romântico; em outros ressalta-se a importância do prazer na atividade sexual para a escolha do(a) parceiro(a). Essas mudanças dinâmicas marcam a transformação do conteúdo social para o conteúdo individual.

Justo (2005) nos apresenta que a adolescência é um período de transformações, velocidade de informação e instantaneidade, o que colabora para a formação do conceito de adolescência, criando, especialmente, uma cultura do descarte, consumismo, objetificação, abandono, efemeridade. O *corpus*, em contrapartida, não corresponde a esse conceito social. Por vários momentos, os(as) jovens demonstram a importância de um relacionamento sólido, e não descartável. Ressaltam, também, os problemas da objetificação da mulher, conveniados, inclusive, pelas redes sociais, tão utilizadas por eles(as).

Nesse sentido, retomemos Vigotsky (1996) para imbricarmos o pensamento e o afeto na formação da subjetividade. Sendo assim, devemos pensar os motivos, as necessidades, interesses que orientam o movimento nesse ou naquele aspecto. A ação humana é intencional e reflexiva, cujo significado é apreendido a partir das razões e motivos dos atores sociais inseridos no contexto da ocorrência do fenômeno. Destarte, de acordo com Fraser e Gondim (2004), conhecer as razões e os motivos que dão sentido às aspirações, às crenças, aos valores e às atitudes humanas em suas interações sociais é o mais importante para as ciências sociais. Ao questionarmos sobre os motivos, encontrados no *corpus*, que levam os(as) jovens a suas escolhas afetivas e sexuais, deparamo-nos com alguns elementos específicos. A cultura de massa, por exemplo, soma-se aos motivos das escolhas, assim

como a família, extensora da moral religiosa, é um forte indicador moral da regulação dos motivos.

Devemos destacar, entretanto, que tais motivos são representantes de um grupo de adolescentes inseridos em uma camada social específica. Devemos lembrar o que Luria (1990) afirma sobre isso: a atividade social complexa, o trabalho social e a divisão do trabalho provocam o aparecimento de motivos sociais do comportamento. Portanto, em diferentes grupos sociais, que se organizam de distinta maneira e vivem outras realidades sociais, poderíamos encontrar outros motivos norteadores para a escolha dos(as) parceiros(as) sexuais.

Outro fator que nos chamou a atenção foi a escolha motivada de adolescentes que optaram pela virgindade, o que nega o senso comum a respeito da sexualidade adolescente. Segundo Paiva (1996 *apud* KAHHALE, 2007), no Brasil, espera-se que a sexualidade apareça naturalmente na adolescência e é amplamente aceitável que jovens sejam sexuados(as). Ademais, vimos que não é amplamente aceitável que o(a) jovem seja sexuado(a), especialmente quando falamos da sexualidade da mulher. O que Paiva (1996 *apud* KAHHALE, 2007) nos mostra e que, de fato, foi corroborado pelo *corpus* de pesquisa, é o fato de essa sexualidade dever ser diferenciada por gêneros e se estabelecer como uma sexualidade heterossexual e não reprodutiva. Isso se comprova pelo discurso de jovens homossexuais que participaram da pesquisa. Elas afirmaram que sentem medo de demonstrar afeto publicamente, pois podem ser agredidas, mas destacam que se fosse uma expressão afetiva heterossexual não se sentiriam constrangidas. Os(As) jovens também destacaram a vantagem no relacionamento sexual homossexual, uma vez que tal relação “não tem perigo porque não engravida” (nas palavras de uma aluna que se declarava homossexual).

Kahhale (2007) destaca que ainda é preciso desmistificar a adolescência como um período de ‘instinto sexual desgovernado’, independente das vivências do indivíduo. De fato, o que o *corpus* nos mostra é uma preocupação por parte dos(as) adolescentes quanto à vida sexual e à escolha do(a) parceiro(a). Por mais que haja erros e acertos nas suas escolhas, eles(as) têm em mente a importância desse processo. Isso se comprova pelas repetidas vezes em que destacam a importância da educação sexual em suas vidas, seja

por parte das famílias ou da escola. É importante destacar que alegaram se sentir prejudicados(as) com a ausência desse diálogo no ambiente familiar.

Na pesquisa de Vidal e Ribeiro (2008) constatou-se como os(as) próprios(as) jovens de hoje veem a sexualidade adolescente: altamente ligada a valores tradicionais, preconceitos, ideias e atitudes padronizadas, confusas, contraditórias e incoerentes. Enquanto alguns(mas) mostraram abertura e criticidade, irreverência e contestação, outros(as) apresentaram ideologia machista, dificuldade (especialmente das meninas) em dissociar o sexo do amor e até importância à virgindade feminina, mesmo não defendendo a ideia de preservá-la até o casamento. Quanto à virgindade masculina, há a obrigação de 'perdê-la'. De certa forma, nosso *corpus* também demonstrou tais dados. Os valores tradicionais estavam presentes, desde a aprovação familiar na escolha do parceiro até a importância da 'moral' para tal escolha. A incoerência também se fez presente em diversos momentos de contradição, especialmente quanto à importância dos padrões de beleza para a atividade sexual: em alguns momentos, os(as) jovens alegaram que a beleza não era fundamental para o relacionamento; em outros, disseram ser importante para o primeiro contato com o(a) parceiro(a). Por outro lado, alguns(mas) jovens contestaram elementos sociais instituídos, como a influência dos(as) amigos(as) na perda da virgindade masculina, ou o senso comum de que a vida sexual homossexual é desregrada.

Sobre as relações culturais que atravessam a construção da identidade desses(as) adolescentes, Ramos (2003) demonstra que "[...] as culturas penetram o indivíduo [...] da mesma forma que as instituições sociais determinam estruturas psicológicas [...] o homem pensa e age dentro do seu ciclo de cultura." (RAMOS, 2003, p. 265). As instituições sociais, nesse sentido, seriam elementos de composição da cultura, e a instituição de máxima expressão em nosso *corpus* de pesquisa foi a família, sempre representante de outra instituição: a religião. Manter o *status quo* e os valores da família patriarcal enquanto instituição delimitadora de normas e regras parece ser o que mais incomoda esses(as) jovens, ao mesmo tempo em que se rendem a essas regras de moralidade. A cultura dominante dessas instituições parece ser compartilhada pela maioria dos(as) adolescentes que compuseram nosso *corpus* de pesquisa, além de ter forte influência na formação de suas

identidades (seja pela concordância ou pela dissonância com relação a essa cultura).

Apesar disso, percebemos a necessidade de alteração dos sentidos produzidos pelos(as) adolescentes; necessidade esta demonstrada por eles(as) mesmos(as). Segundo Rey (1996), é necessário que as configurações se alterem, de modo que o novo mobilize não apenas as significações constituídas, como também os sentimentos não significados, construídos não intencionalmente. Sentimos, por diversos momentos, questionamentos a respeito de sua própria sexualidade. Provocamos momentos de reflexão, pensamento, mobilização que proporcionaram a desintegração do já instituído e a formação de novos sentidos. Ainda de acordo com Rey (1996), vê-se, então, que as formas de pensar e sentir o mundo expressam uma integração, muitas vezes contraditória, de experiências, de conhecimentos (aspectos significados), de uma história social e pessoal (mediada pela ideologia, pela classe social, pelas instituições etc.) e de emoções vividas, mas não necessariamente significadas. Portanto, o *corpus* nos mostra a necessidade da compreensão e intervenção para a mobilização de sentidos produzidos por esses sujeitos, a fim de que possam exercer sua autonomia em relação à sexualidade.

A partir dos dados obtidos, concluímos que a relação dos(as) adolescentes com a sexualidade e afetividade no grupo focal em questão está fortemente vinculada a preceitos moralizantes e cerceadores da liberdade sexual. Ao mesmo tempo em que os(as) jovens produzem novos sentidos para suas subjetividades, estão ainda fortemente ligados(as) ao *status quo* por meio dos valores cristãos e da família patriarcal.

Por outro lado, a busca pela geração de novos sentidos e a necessidade de uma educação sexual libertadora saltou-nos aos olhos, fazendo-nos atentar para a complexidade da relação entre subjetividade e cultura.

Justamente por tais contradições, compreendemos a importância de nos debruçarmos à pesquisa voltada à sexualidade adolescente, especialmente para fins educativos e sociais.

Portanto, esperamos que este trabalho possa contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas, novas práticas, reflexões e intervenções, certos de que os seres humanos se constituem como determinados e

determinantes de suas relações sociais, dotados de infinitas possibilidades de transformação por meio da atividade humana em suas diferentes formas.

## NOTAS

\* Alvaro Marcel Palomo Alves possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (2000), mestrado em Psicologia da Infância e Adolescência pela Universidade Federal do Paraná (2003) e doutorado em Psicologia e Sociedade - linha de pesquisa Infância e Realidade Brasileira – pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho -UNESP/Assis. Atualmente é professor adjunto no curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). É coordenador do grupo de pesquisa “Laboratório de Estudos em Psicologia Sócio-Histórica – LAEPSO”. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Ensino de Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Sociohistórica, Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Social. E-mail: ampalves@hotmail.com

\*\* Fernanda Trombini Rahmen Cassim possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2011) e mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá (2014). Atualmente, é graduanda em Psicologia e doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Maringá. Participa do Grupo de Estudos Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná - FUNCPAR (UEM/CNPq). E-mail: fer\_trc\_@hotmail.com

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia; OZELLA, Sergio. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-178.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos teóricos da Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-35.

\_\_\_\_\_. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, vol.11, nº.1. Jan./Jun. 2007. p. 63-76.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, v. 23, n. 30, p. 77-87, 2007, Editora UFPR.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRASER, Marcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, 14 (28), 139 -152.

GOMES, Maria Elasir S.; BARBOSA, Eduardo F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. **Educativa**: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais (publicação interna). 1999. Disponível em <[http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D\\_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf](http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf)>  
[http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco\\_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D\\_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf](http://www.tecnologiadeprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf)  
Acesso em 05 dez 2017.

GUARIGLIA, F.; BENTO, S. F.; HARDY, E. Adolescentes como voluntários de pesquisa e consentimento livre e esclarecido: conhecimento e opinião de pesquisadores e jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 53-62, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n1/06.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

JAGER, Marcia Elisa. et al. Ética em pesquisa com adolescentes: uma revisão da literatura nacional. **Rev. Psicologia em Foco**, v.5, n.5, p.134-149, jul 2013.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do departamento de psicologia – UFF**, v.17 – nº 1, p. 61-77, jan/jun, 2005.

KAHHALE, Edna Maria Peters. Subsídios para reflexão sobre sexualidade na adolescência.. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 179-191.

KOZULIN, Alex. O conceito de atividade na psicologia soviética: Vigotsky, seus discípulos, seus críticos. In: DANIELS, Harry (org.). **Uma introdução a Vigotsky**. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 111-138.

LANE, Silvia T. M. Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. (orgs.) **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 40-47.

LANE, Silvia. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia; SAWAIA, Bader B. **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p 55-67.

LEAL, Zaira Fatima de Rezende Gonzalez. **Educação escolar e constituição da consciência**: um estudo com adolescentes a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Tese (doutorado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LURIA, Alexander R. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo, ícone, 1990.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: RAMOS, Arthur. **Introdução à psicologia social**. Santa Catarina: UFSC, 2003.

REY, Fernando Gonzalez. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

VIDAL, Elaine Italiano; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Algumas reflexões sobre relacionamentos afetivos e relações sexuais na adolescência. **Fractal: Revista de Psicologia**, vol. 20, n. 2, p. 519-532, jul/dez 2008.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: maio de 2017  
Aprovado em: outubro de 2017.